

A máquina de lavar que não quer parar

Por **Humberto Saccomandi**
Valor Econômico, 15/12/2011

Os EUA emitem mais CO² per capita que qualquer outro país, mas seus políticos não querem mudar o padrão de consumo

Um eletrodoméstico pode dizer muito sobre o aquecimento global. Há dois anos, ao visitar um amigo em Nova York, fiquei surpreso ao ver apenas um prato, um copo e dois talheres numa lava-louças imensa. Ele disse que a faxineira sempre ligava a máquina, ainda que lavar à mão fosse fácil. Esse tipo de comportamento esconde uma verdade inconveniente: não haverá acordo climático enquanto os líderes americanos se recusarem a reeducar a população do país e deixar de tratá-la como crianças minadas e privilegiadas.

Mais uma conferência do clima da ONU acabou sem um avanço significativo no combate ao aquecimento global. A não que se considere como acordo a decisão de adiar um acordo. O principal obstáculo são os EUA, que ainda se recusam a aceitar um acordo de cumprimento obrigatório para reduzir as suas emissões de gases-estufa.

Moralmente, a posição americana é indefensável. Entre os grandes países, os EUA são o maior emissor per capita do planeta. Cada um dos mais de 7 bilhões de terráqueos emitiu em média 4,3 toneladas de CO₂ em 2009. Cada americano emitiu 16,9 t. Em comparação, cada japonês emitiu 8,5; cada alemão, 9,1; cada chinês, 5,1; cada brasileiro, 1,74; cada indiano, 1,37. Os dados são da Agência Internacional de Energia (AIE).

A classe política dos EUA rejeita mudanças no padrão de consumo

As emissões na maioria dos países ricos estão estáveis ou em leve queda. Mas as emissões nos emergentes estão disparando. Na China, subiram 161% em dez anos; na Índia, 100%.

A matemática é simples. Nesse ritmo, as emissões globais continuarão crescendo a perder de vista, em vez de cair, como recomendam os cientistas.

Para que as emissões globais caiam, é preciso que ocorram dois movimentos simultâneos: que os países ricos reduzam drasticamente o seu consumo de energias fósseis e que os países em desenvolvimento aumentem pouco o seu consumo. Nada disso está ocorrendo e não há sinais de que vá ocorrer logo.

Segundo previsões da AIE, o consumo de combustíveis fósseis continuará crescendo nos próximos cinco anos. E, com isso, as emissões de gases.

É preciso deixar claro que o ônus maior é dos países ricos, por vários motivos: foram eles que poluíram mais até hoje, são eles que determinam o elevado padrão de consumo que os demais querem seguir e eles detêm tecnologias que podem ajudar a reduzir as emissões nos países em desenvolvimento.

Quem consome mais energia é, em geral, mais desenvolvido e mais rico. Chineses, indianos e brasileiros sonham em consumir de tudo, inclusive energia, no padrão dos países ricos. Eles têm o direito disso, já que idealmente nenhum terráqueo nasce com direito natural de consumir mais do que outro. Agora esses emergentes estão conseguindo pagar por essa energia, o que fez o preço dos combustíveis disparar na última década.

Alguns países europeus enfrentam o aquecimento global com mais determinação. Nos últimos dez anos, a Alemanha reduziu suas emissões per capita em 23,5%. A Suécia, em 27%. Os EUA, apenas 13%, e isso a partir de um patamar muito maior. Para a maioria dos europeus, o desperdício é culturalmente inaceitável. Além disso, é caro, pois eles pagam muito mais pela energia que os americanos.

Ainda segundo a AIE, o preço médio do kWh de eletricidade para uso residencial foi US\$ 0,11 nos EUA em 2010. Na Alemanha, foi US\$ 0,32; na Dinamarca, US\$ 0,35. Esses dois países estão taxando mais a energia suja para financiar ambiciosos programas de energia limpa, como eólica. Nos EUA, a gasolina custava em média US\$ 0,86 o litro no início do ano. Na Alemanha, US\$ 2,06; na Holanda, US\$ 2,19; no Japão, US\$ 1,71. Ao premiar seus cidadãos com gasolina e energia baratas, os EUA estimulam o uso excessivo e o desperdício.

Além de energia mais cara, reduzir o uso de combustíveis fósseis exigiria coisas como guiar carros menores e econômicos, priorizar o transporte público, reduzir o tamanho das casas e gastar mais na construção, para melhorar o isolamento térmico. Isso contraria hábitos arraigados no modo de vida americano.

[Ampliar imagem](#)

Emissão de CO₂ per capita

Em toneladas, em 2009



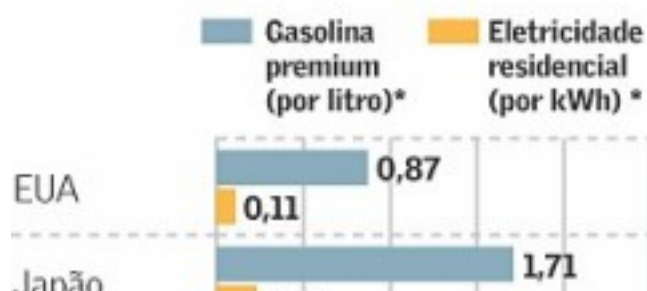
Infelizmente, grande parte da classe política americana rejeita visceralmente sugestões de mudar o estilo de vida no país. Entre os candidatos presidenciais republicanos, o cenário é desolador. Mitt Romney admite apenas que a ação humana "pode" estar contribuindo para o aquecimento global. Newt Gingrich tem dúvidas

disso. Rick Perry afirma não haver provas de que o aquecimento esteja ligado às emissões de gases e ataca o "culto secular do carbono".

[Ampliar imagem](#)

Preço da energia

Em países ricos - em US\$



Essa rejeição a medidas que limitem as emissões é comum entre deputados e senadores republicanos (e mesmo alguns democratas). E é o Congresso que tem a palavra final nessa questão. O presidente da Câmara dos Deputados, John Boehner, é um cético do aquecimento global (e recebeu este ano US\$ 1,5 milhão em contribuição política de empresas do setor de carvão nos EUA). Ele deve seguir no cargo se os republicanos mantiverem a maioria na Câmara, como indicam as pesquisas. Atacar ameaças de longo prazo não vai render votos na eleição de 2012

Enquanto os políticos americanos não agirem para que as lava-louças parem de rodar semivazias, as chances de um acordo climático são mínimas. E as cúpulas da ONU seguirão de postergação em postergação.

Humberto Saccomandi é editor de Internacional. Escreve mensalmente às quintas-feiras

E-mail humberto.sacomandi@valor.com.br